

Rubem
Braga

Mandaria

uma carta

a Cássio Murilo...

SE eu tivesse esperança de ter alguma eloquência mandaria uma carta ao menor Cássio Murilo pedindo a êle para ter a coragem de contar a verdade.

Não há nenhuma pessoa que não sinta revolta diante do corpo torturado da pobre Aída Cúri. Mas não há nenhum homem que não compreenda o crime dentro de si mesmo, que não entenda essa raiva de macho frustrado contra a resistência imprevista. A facilidade com que essa mocinha boboca, educada por religiosos, foi na conversa macia de um rapaz bonito que a atraiu ao edifício fazia esperar uma prêsa sexual dócil. "Se ela era tão inocente assim, que foi fazer no terraço?" — é pergunta que ainda hoje se ouve. "Não era nenhuma santinha; queria treinar inglês com marinheiro norte-americano..." Diante da resistência imprevista, quando o instinto já está desencadeado, a violência do jovem macho tem uma carga de raiva e de sadismo que não é fácil dosar — principalmente na idade de Cássio Murilo. Podemos adivinhar a seqüência? O desmaio de Aída, a convicção de que ela estava morta, a afobação, o pânico, a idéia estúpida, mas aparentemente salvadora, de que era fácil simular um suicídio jogando a môça lá de cima...

Sim, dentro de cada um de nós há um matador de Aída Cúri; todos nós convivemos dentro de nós mesmos com essa bêsta cuja única razão é seu instinto desembestado. Exatamente como todos nós, diante do pobre corpo inanimado, sentimos uma revolta cega, como se aquela mocinha morta pudesse ser nossa filha ou nossa irmã — sentimos nojo dêsse crime covarde, vontade de fazer justiça matando, linchando, massacrando os culpados.

Assim é feito o homem — seja êle Cássio Murilo, êste cronista ou o leitor. Dêsse barro somos feitos, que um deus soprou com seu espírito, mas um demônio faz ferver em suas glândulas.

Não justificamos, mas entendemos o crime de Cássio Murilo. O primeiro, o crime contra Aída Cúri. Mas tudo indica e mostra que êle está praticando um outro, e êste a frio e ditado pela covardia moral, a pior de tôdas as covardias. Será de sua cabeça ou a conselho de seus mentores que sonham para êle com uma reabilitação impossível diante da opinião pública — que pode perdoar e costuma esquecer, mas odeia ser empulhada?

Temos a convicção de que o depoimento dêsse menor diante do Tribunal do Júri é, todo êle, uma grande mentira. Essa última testemunha, que só apareceu depois do julgamento, essa senhora de luto que estava sentada em um banco da praia — tudo o que ela diz tem o tom inimitável da verdade. Ronaldo estava com uma namorada a seu lado quando o corpo de Aída Cúri foi lançado do alto do edifício. Que Ronaldo tenha atraído Aída para o prédio, que tenha tentado possuí-la, tudo é verdade; que a tenha esbofetado ou maltratado, é possível. Mas não foi êle quem a lançou do alto do edifício, e Cássio Murilo sabe isso melhor do que ninguém.

Mentindo — a conselho, talvez, de maus conselheiros —, êsse rapazola, que pôde ser um monstro de violência, fica sendo também um monstro de cinismo, ou de inconsciência. Êle, que não pode ser condenado, está fazendo condenar Ronaldo e o porteiro.

Seja homem *agora*, Cássio Murilo! *Ser homem* não é apenas atracar uma jovem fêmea — para isso basta ser macho. Ser homem é ter a coragem de dizer a verdade; no momento em que você a disser, e só a partir dêsse momento, você estará a caminho da reabilitação, e nos dará a esperança de que um dia, depois de tôda essa turva e louca adolescência, você poderá chegar a ser, de fato, um homem. Um homem de bem.